



VENHA PARA O PSTU

***É hora de um partido
de luta, de classe,
revolucionário e socialista***



VENHA PARA O PSTU

*Este texto é dedicado a você,
companheiro e companheira,
que quer conhecer melhor o PSTU.*

*Nele você encontrará uma síntese
de nossa estratégia revolucionária,
de nossos princípios programáticos
e de como nos organizamos.*

*Em poucas palavras, você saberá
o que é ser um militante do PSTU.*

*Boa leitura e sejam bem-vindos à
discussão com o partido!*

SÃO PAULO, JULHO DE 2003

Publicação de responsabilidade do Partido Socialista
dos Trabalhadores Unificado (PSTU)

Rua Loefgreen, 909 - Vila Clementino - São Paulo - SP
- CEP 04040-030

Telefone (11) 5575-6093

e-mail: pstu@pstu.org.br

www.pstu.org.br

www.litci.org.br

Atrelado à Alca, ao FMI e à burguesia O GOVERNO LULA NÃO FARÁ MUDANÇAS

Os trabalhadores e a imensa maioria do povo explorado deste país elegeram Lula porque não agüentavam mais ser governados pelos partidos burgueses e as consequências do projeto do FMI.

Os governos dos patrões dilapidaram o país. Em pouco mais de dez anos de neoliberalismo, nossas estatais foram privatizadas e entregues ao capital estrangeiro. Nossas riquezas são enviadas ao exterior na mesma proporção de quando éramos colônia de Portugal. E, para aprofundar ainda mais a entrega de nossas riquezas, FHC iniciou a negociação da Alca. Se efetivada, a Alca acabará com o resto de soberania do país, nos transformando em uma verdadeira colônia. Aos trabalhadores e ao povo pobre, restaram o desemprego, os baixos salários e a miséria.

Foi para mudar esta situação que os explorados depositaram sua confiança em Lula. Para mudar suas vidas e ter uma perspectiva de futuro, que não seja o desemprego e um salário que nunca chega até o final do mês.

Lula despertou a esperança dos milhões de explorados porque disse que, em seu governo, criaria 10 milhões de empregos, faria a Reforma Agrária e acabaria com a fome.

Mas os resultados apresentados pelo governo até agora estão na direção oposta das promessas de Lula.



Aumenta o desemprego

Para criar 10 milhões de empregos, como prometido, o governo deveria gerar em 2003 pelo menos 2,5 milhões de novos empregos. No entanto, até julho tinha ocorrido o oposto: mais 580 mil trabalhadores ficaram desempregados. O desemprego atinge mais de 13% dos trabalhadores. Se somarmos o chamado “desemprego oculto” (que inclui os trabalhadores que já desistiram de procurar emprego, os que estão sem carteira assinada e os que fazem bico, entre outros) este índice chega a mais de 20%.

As cenas da polícia lançando gás lacrimogêneo contra dezenas de milhares de desempregados que tentavam se inscrever no concurso para lixeiro na Comlurb do Rio comoveram o país.

FOTO LATUFF



Fila na inscrição do concurso da Comlurb

de Janeiro ou de coveiro em Londrina (PR) estão milhares e milhares de trabalhadores altamente qualificados: telefônicos, engenheiros, advogados, publicitários e um longo etc de gente que tem todo o ensino médio e títulos universitários.

Esses números escancaram a realidade do país. Milhões, aos 40 anos, são expulsos do mercado de trabalho. Uma geração inteira de jovens não consegue o primeiro emprego. Uma geração inteira vai se frustrando, pois não vê a menor chance de trabalhar na profissão que escolheu.

O choro daqueles que, por ter perdido algum documento, depois de horas na fila não conseguiam se inscrever; o desespero de outros que, involuntariamente, viam-se depois de longa espera envolvidos em um tumulto, empurra-empurra, bombas de gás; e, sobretudo, o drama contido nas histórias narradas por muitos trabalhadores desempregados ao vivo e a cores na mídia, certamente apertaram o coração de todos os explorados desse país.

Arrocho nos salários

O governo passou o salário mínimo para ridículos 240 reais. O salário médio do trabalhador, nos primeiros meses do governo Lula, é o mais baixo desde de 1985. E, quando os trabalhadores vão à luta por reajuste, o governo diz que as empresas não podem conceder as reivindicações, pois isso traria a volta da inflação.

Enquanto os salários não aumentam, todo o resto sobe de preço: as tarifas de telefone, o gás de cozinha, a luz elétrica etc.

A Reforma Agrária segue no papel

O governo prometeu assentar 60 mil famílias em 2003. Mas, até junho, tinha assentado menos de 5% desse total. Isso não é tudo: com o corte no orçamento para a Reforma Agrária (de 462 milhões de reais para 162 milhões), fica realmente impossível transformar em realidade os assentamentos prometidos para este ano.

Reformas do FMI

Como se não bastasse o aumento do desemprego e o arrocho nos salários, o governo encaminha uma série de reformas que retiram direitos históricos dos trabalhadores, como a da Previdência, que também abre as portas para a privatização da Previdência pública, entregando-a aos banqueiros.

Quer ainda aprovar uma nova “Lei de Falências” que tem como prioridade a “garantia dos direitos dos credores”. Ou seja, o direito dos bancos, em detrimento do direito dos trabalhadores. As dívidas trabalhistas ficam restritas a 150 salários mínimos da massa falida em grandes empresas e 75 salários mínimos nas pequenas e médias.

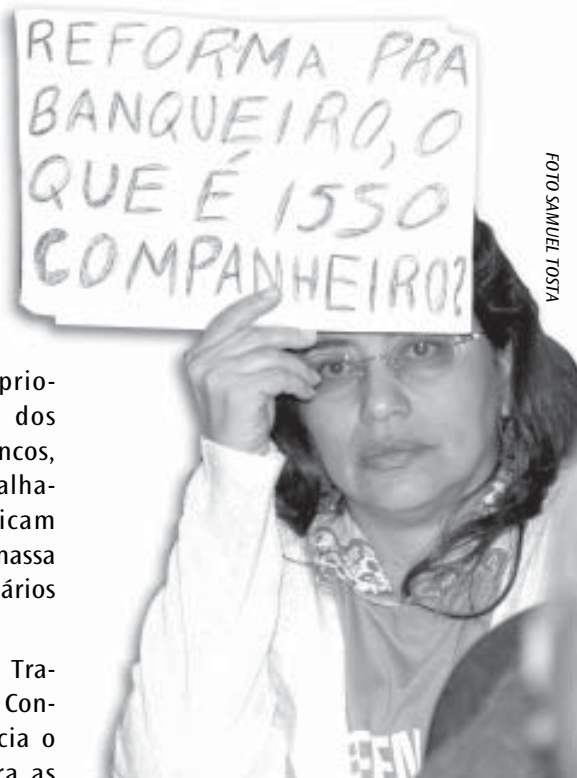
O governo anuncia uma Reforma Trabalhista cuja primeira discussão no Conselho de Desenvolvimento já anuncia o fim da multa de 40% do FGTS para as demissões injustificadas.

Lula diz sim à Alca

No dia 20 de junho, em Washington (EUA), os dois co-presidentes das negociações para formação da Área de Livre Comércio das Américas, Luís Inácio Lula da Silva e George W. Bush, assinaram um comunicado conjunto para instalação da Alca em janeiro de 2005.

A Alca atenta contra a já raquítica soberania dos países latino-americanos. Nos converterá em uma colônia, pois vamos importar livremente das empresas americanas, aumentando o desemprego.

Mas a Alca também prevê a transferência do poder de decisão das instituições nacionais para o Comitê de Negociações Comerciais e o Comitê de Solução de Controvérsias (resolução de disputas comerciais e jurídicas).



A Amazônia será controlada pelas empresas americanas.

Se a Alca for implantada, os maiores prejudicados serão os trabalhadores e a grande maioria da população pobre das Américas. A Alca significa o aprofundamento do projeto neoliberal para as Américas, mais privatização, fome, desemprego e submissão neocolonial aos EUA.

E o PT, que tanto falou em democracia em seu programa de governo, se nega a convocar o plebiscito oficial para que seja o povo a decidir se o Brasil deve seguir nessas negociações ou não. Por isso, lutamos pela ruptura das negociações da Alca e pela convocação do plebiscito oficial.

Paciência para quem?

Lula pede paciência aos trabalhadores, diz que ele tem que administrar um “remédio amargo” para estabilizar a economia. Mas o remédio que está sendo dado aos banqueiros internacionais e aos grandes empresários não é nada “amargo”. Ao contrário, a eles não se pede paciência.

Num país em que os lucros dos bancos cresceram 180% entre 1994 e 2001 e onde os banqueiros não pagam impostos, eles são agraciados pelo governo com o pagamento em dia da dívida pública interna. Os banqueiros internacionais estão também recebendo em dia o pagamento da dívida externa.

O governo diz que em breve mudará a política econômica, mas o compromisso do governo com o FMI mantém o corte nos gastos públicos até 2006. E estabelece que se continue enviando aos banqueiros o dinheiro que o governo deveria investir na Saúde, na Educação e na infra-estrutura para gerar novos empregos.

Sob o governo Lula, os grandes empresários e os banqueiros estão no lucro, enquanto nossas vidas têm piorado. O governo está aprofundando a mesma política de FHC, que aumenta nossa subordinação ao imperialismo e aplica as reformas exigidas pelo FMI.



Tirando dos pobres para dar aos ricos

Muitos ativistas e lutadores que fizeram a campanha de Lula se perguntam o porquê desta situação. O governo responde que existe uma crise econômica e, para sair da dela, os trabalhadores devem se sacrificar um pouco mais. E que as promessas serão cumpridas.

O problema é que isto não vai ocorrer. É verdade que existe uma crise, mas Lula está enfrentando esta crise com a mesma lógica dos governos anteriores: preserva os interesses das grandes empresas e dos bancos às custas do salário e do emprego dos trabalhadores.

A idéia central é a mesma de FHC: atrair os grandes investidores internacionais, assegurando seus lucros de tal maneira que eles continuem investindo; e retirar direitos e conquistas sociais para manter e aumentar os lucros dos empresários e banqueiros.

Lula está repetindo a mesma ladainha de sempre: a de que a solução para os problemas sociais do país está no crescimento da economia capitalista no Brasil e na atração de investimentos estrangeiros. É por isso que Lula continua pagando a dívida externa.

O PSTU, na campanha eleitoral, advertiu que se aliando à burguesia e atrelando-se ao FMI, Lula não mudaria o Brasil e acabaria atacando os trabalhadores. E, desgraçadamente, é o que está ocorrendo.

Os trabalhadores elegeram Lula para inverter a lógica com a qual os outros governos enfrentaram a crise do capitalismo. Mas ele está fazendo o mesmo que os outros, está tirando dos pobres para que os ricos saiam da crise.

Aplicando o projeto do FMI e da burguesia

O governo e o PT comemoram a queda do “risco-país” e o controle da inflação como uma grande vitória que prepararia a segunda fase do plano de Lula, geraria empregos e aumentaria salários.

Acontece que o “risco país” é somente o índice que mede a capacidade do Brasil de pagar os juros da dívida externa.

Lula diz que sua prioridade é controlar a inflação, para que a economia capitalista possa crescer e depois gerar emprego e aumentar salários. Isto não é verdade, a prioridade do governo é o pagamento da dívida externa.

O plano para desenvolver a economia capitalista passa por incentivar os padrões para que exportem suas mercadorias. Mas para que os capitalistas brasileiros exportem, competindo com outros burgueses, devem manter seus pro-

dutores baratos. Para isso, continuarão pagando salários de fome aos trabalhadores da cidade e do campo.

Para aumentar suas exportações, o governo se apoia nos grandes latifundiários produtores de grãos. Isto significa manter a atual estrutura agrária do Brasil, que tem como base o grande latifúndio voltado para a exportação e não para produzir alimentos que acabem com a fome do povo brasileiro. É por isso a Reforma Agrária não anda.

Toda política do governo está voltada para gerar saldo na balança comercial e continuar pagando a dívida externa.

Qualquer plano econômico que tenha como objetivo a saída da crise beneficiando os trabalhadores, deve mexer nos lucros dos patrões e dos banqueiros. Ou então, não haverá mudança.

FALA ZÉ MARIA: “Que os ricos paguem a conta da crise”

“Estas foram as medidas que apresentamos nas últimas eleições presidenciais. Elas estão desenvolvidas para apontar como um governo dos trabalhadores, rompendo com o imperialismo, pode levantar os recursos não só para garantir condições dignas de vida e trabalho para a população, mas também para impulsionar um verdadeiro crescimento econômico e cultural do país. **Sintetizamos as medidas em 16 pontos.**”



- . Não à integração do Brasil na Alca, ruptura imediata das negociações;
- . Não pagamento da dívida externa;
- . Rompimento com o FMI;
- . Não pagamento da dívida interna aos especuladores;
- . Revogação da legislação de “blindagem”, em especial da Lei de Responsabilidade Fiscal (que limita o orçamento público em função do pagamento da dívida);
- . Reestatização e recuperação das empresas estratégicas privatizadas;
- . Redução da jornada de trabalho, sem redução dos salários;
- . Contra a flexibilização dos direitos trabalhistas
- . Reajuste geral dos salários e gatilho, cada vez que a inflação atinja 3%;
- . Não às reformas previdenciária e trabalhista do FMI. Por reformas dos trabalhadores e direitos para todos!
- . Democratização dos meios de comunicação de massa;
- . Reforma Agrária com definição do limite máximo de propriedade;
- . Demarcação, homologação e registro de todos os territórios indígenas;
- . Recuperação de nossa cultura e dos valores sociais que construam uma sociedade baseada na igualdade, solidariedade e justiça social.
- . Estatização do sistema financeiro
- . Estatização dos grandes monopólios, a começar pelos que demitem

O que aconteceria se o Brasil deixasse de pagar a dívida?

Os meios de comunicação, a serviço dos banqueiros, dizem que, se pararmos de pagar a dívida externa, o país entrará no “caos”. Para estes senhores, o fato de existirem milhões de pessoas que não comem diariamente não significa o “caos”. Os pais de família que estão desempregados e não conseguem alimentar, educar e vestir seus filhos, para estes senhores, tampouco têm importância. A única coisa que lhes importa é continuar lucrando às custas da miséria do povo.

Mas o PT também diz que não existe uma “situação internacional favorável” e que o imperialismo está forte. Por isso, não poderia romper com o FMI.

A força de um governo que tem compromisso com os trabalhadores vem da mobilização. As ocupações de terra e as greves não podem atrapalhar um governo que está realmente comprometido em realizar as mudanças que interessam ao povo explorado.

Se Lula convocar a população a ir às ruas contra o pagamento da dívida, certamente terá uma resposta favorável. Mas Lula faz o oposto. Vai aos EUA e diz que o melhor para o Brasil é a Alca e o livre comércio. Portanto, não se trata de uma correlação de forças adversa, e sim de uma política do governo.

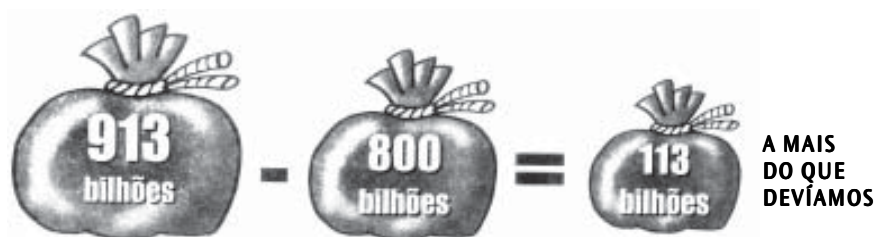
Mesmo assim, Lula é um líder internacional de prestígio, poderia liderar uma frente de países devedores pela suspensão do pagamento da dívida e propor uma auditoria para que o mundo inteiro saiba que esta dívida já foi mais do que paga às custas da fome da América Latina. Uma atitude como essa receberia o apoio e mobilizaria milhões em todo o mundo e no interior, inclusive, dos EUA.

VEJA O QUANTO A AMÉRICA LATINA PAGOU EM JUROS DA DÍVIDA EXTERNA

VEJA COMO A DÍVIDA CRESCU



O QUE FOI PAGO (Entre 1992 e 1999)



FONTE: Cartilha *Diga Não à Alca*.
Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos (SP). 2002

O governo Lula atua dentro da ordem burguesa

Por mais de uma vez, Lula disse que seria uma grande vitória do seu governo garantir que todos os brasileiros tenham três refeições diárias. Acabar com a miséria que assola milhões de brasileiros deve ser, sem dúvida, a prioridade de qualquer governo comprometido com a classe trabalhadora.

A possibilidade de realizar um plano emergencial para acabar com a fome de 48 milhões de brasileiros de fato está ao alcance de governo. Este ano, a safra de grãos do Brasil será de 120,16 milhões de toneladas. Equivale a quase dois quilos de alimento diários para cada brasileiro por um ano. Isso dá para acabar com a fome que degrada milhões de pessoas.

Por que o governo não declara um estado de emergência nacional e, com esta colheita, retira da indigência milhões de brasileiros?

Pelo fato de que atua nos limites da ordem burguesa e das leis feitas para que a burguesia possa manter e aumentar seus lucros. O governo prefere exportar a maioria da produção para pagar a dívida externa e usar o “Fome Zero”, que vai atender só 50 mil pessoas em 2003 e ainda sofreu vários cortes nos seu orçamento.

O governo não conseguirá que os brasileiros tenham três refeições diárias, pois não está buscando os recursos onde estão: no lucro das grandes empresas, no pagamento da dívida e nas remessas das multinacionais para o exterior.



Lula prefere “respeitar os contratos” feitos por Collor, Itamar e FHC, que sempre favoreceram os ricos. Vai atuar nos limites da ordem burguesa, com suas leis feitas para os ricos, e para continuar drenando as riquezas do país.

O PSTU já alertava antes das eleições: ao aliar-se com a burguesia e apoiar-se no Congresso Nacional e não na mobilização dos explorados, Lula seguiria os passos dos outros governos burgueses.

A “democracia” burguesa é a democracia dos ricos

O governo, como instituição, faz parte do Estado Burguês e se articula com outras instituições, como o Congresso, o Judiciário e as Forças Armadas; para garantir a ordem burguesa, ou o lucro dos patrões. Isso é o que chamamos de regime democrático-burguês. Hoje em dia, ainda há um agravante nesse regime de dominação. O FMI e todo o imperialismo vem transformando esse regime numa “democracia burguesa colonial”, impondo leis, agências reguladoras - como a da telefonia - e exigindo também a Independência do Banco Central, para ter o controle completo do Estado e de seus recursos. Assim, pode garantir uma drenagem cada vez maior das riquezas do país para os banqueiros internacionais e multinacionais. A Alca é seu projeto máximo, para tirar de vez qualquer grau de soberania do Brasil.

Os partidos e políticos burgueses representam os interesses da burguesia e são subservientes ao FMI. Para fazer de conta que o povo decide alguma coisa, chamam eleições de 4 em 4 anos. Depois de eleitos, fazem o que bem entendem e governam a serviço da exploração, do aumento do lucro dos ricos e da entrega do país.

Diz-me com quem andas...

O governo do PT tinha duas opções políticas para buscar sua sustentação. Se quisesse inverter a lógica dos governos anteriores e governar para os trabalhadores, deveria apoiar-se nos movimentos sociais e convocar o povo a se mobilizar por reformas que atacassem os interesses e privilégios da burguesia.

Mas o governo buscou sua sustentação no Congresso Nacional e nos partidos burgueses que sempre estiveram no poder. Na “base aliada” do governo estão o PP de Paulo Maluf; o PTB de Roberto Jefferson e o PMDB de Sarney. Que medidas o governo do PT pode tomar com essa gente como aliada?



Os partidos buscam os aliados apropriados para aplicar seu programa. Estabelecer que os aliados do PT no Congresso são o PP, PMDB e PTB nada mais é que o reflexo tanto da composição do governo, como da política que Lula está aplicando.

O PSTU, nas eleições, fez um desafio a Lula: se rompesse com a burguesia nós o apoiáramos. No entanto, já nas eleições, Lula colocou Alencar, um grande empresário têxtil, como candidato a vice-presidente. Depois, trouxe para o governo um representante dos banqueiros internacionais, o ex-presidente do BankBoston, Meirelles; um representante da FIESP, o ex-presidente da Sadia, Furlan; e o latifundiário Roberto Rodrigues. Desta forma, o PT optou por um governo de “colaboração de classes”.

Nenhum trabalhador convidaria seu patrão para fazer parte da diretoria do seu sindicato, pois o sindicato deixaria de ser dos trabalhadores. Isto é óbvio, mas não é mais tão óbvio para o PT. Como inverter a lógica dos planos econômicos anteriores se os que se beneficiaram com estes planos estão dentro do governo? Como romper com os limites que impõe o regime e a justiça dos patrões se os aliados do governo no Congresso são a “tropa de choque” deste regime de dominação?

Um governo não tem dois lados. Ou é um governo dos trabalhadores, apoiado na mobilização dos trabalhadores da cidade e do campo, para transformar o país; ou é um governo que se apoia nos partidos da burguesia, nas suas leis, no seu Congresso, enfim, no seu Estado e no seu regime.

Para mudar de fato o país, o governo deve romper com o imperialismo e com a burguesia, expulsar os ministros burgueses e chamar uma grande mobilização dos explorados. De outra forma, continuará como gerente do Estado e dos negócios de Rodrigues, Furlan e Alencar.

Cinquenta e um por cento do faturamento da empresa do vice-presidente, Alencar, a Coteminas, vêm das exportações. Na Sadia do ministro do Desenvolvimento, Furlan, as exportações representam 38% do faturamento. Isso explica porque querem a Alca e quais os interesses que prevalecem dentro do governo. Já os lucros do BankBoston, do presidente do Banco Central, o banqueiro Meireles, subiram 450% pela especulação, juros altos e pagamento da dívida externa. Este é o bom resultado da colaboração de classes.

O FMI torce para que o governo dê certo

É comum ouvir de destacados dirigentes do PT, PC do B e da CUT que o “governo tem que dar certo”. Dizem que, se o governo Lula não se sair bem, toda a esquerda pagará um preço alto, pois, após uma experiência de esquerda fracassada, a direita retornaria com mais força. Por isso devemos apoiar o governo, já que isso, segundo estes dirigentes, seria “fazer o jogo da direita”.

Deveríamos, então, apoiar a reforma da Previdência encomendada pelo FMI para que o governo “dê certo”? Apoiar uma reforma trabalhista que fala em parcelamento do 13º salário e fim da multa de 40% do FGTS para as empresas? Abrir mão da luta pela redução da jornada de trabalho e pelo não pagamento da dívida externa? E, por fim, apoiar a implantação da Alca?

Obviamente, quem quer que o governo “dê certo”, a qualquer custo, estará contra a luta dos servidores para derrotar a Reforma da Previdência, pois acima de tudo está a fidelidade a um governo que se mantém subordinado ao FMI. Para que o governo “dê certo”, ele tentará derrotar a classe trabalhadora, como ocorre agora na luta dos servidores.

Quem faz o jogo da direita é quem aplica as medidas exigidas pela direita. O PSTU lutará junto com os trabalhadores para que estas medidas sejam derrotadas pela luta. Por isso, somos oposição de esquerda a este governo.



Um governo em disputa?

Mas existem outros companheiros e correntes que privilegiam a ação direta e defendem um projeto de ruptura com a ordem vigente, como algumas correntes da esquerda do PT, o MST e o Consulta Popular, que argumentam que estamos diante de um “governo em disputa”.

Assim, para os companheiros, a postura do PSTU de ser oposição de esquerda ao governo está equivocada, pois a questão principal seria disputá-lo. Segundo os companheiros, via a mobilização dos trabalhadores podemos pressionar o governo para que mude seu rumo atual.

É verdade que somente lutando podemos barrar as reformas do FMI que o governo quer impor, como fizemos lutando contra todos os governos burgueses. Em algumas lutas fomos vitoriosos, em outras fomos derrotados, mas todos tinham claro contra quem estavam lutando.

Podemos, até mesmo, arrancar conquistas parciais, como já arrancamos. Mas não é isso que estamos discutindo, e sim qual o caráter de classe do governo, de que lado ele está. Esta definição parece abstrata. No entanto, é a partir dela que se define qual é o objetivo de nossa luta.

Para os companheiros, o governo Lula não tem um caráter de classe, isto está ainda para ser definido, pois o governo teria dois lados. Em uma parte estaria o PT,

amplamente majoritário entre a classe trabalhadora brasileira. Do outro lado estariam os pesos pesados da burguesia, os ministros burgueses.

Seria como uma equação matemática para definir o caráter do governo: PT + Burgueses = ?. O resultado seria dado pelo tempo. Alguns propõem critérios para essa definição, afirmando que, se o governo aprovar a Alca e regularizar os transgênicos, romperiam com o governo.

O problema é que o governo é uma instituição que não é dividida em partes, entre os ministérios dos trabalhadores e os ministérios dos burgueses. A instituição Governo faz parte do Estado burguês e se articula com outras instituições - Parlamento, Forças Armadas etc. - para compor um regime de manutenção da ordem vigente.

O PT se propõe a governar nos limites dessa ordem e colocou no governo uma considerável representação da classe dominante e do imperialismo. Não é possível empurrar para a esquerda um governo assim.

Por isso, não consideramos o governo Lula, por seu programa e composição social, como um governo em disputa. Ele precisa ser derrotado na sua forma e conteúdo atuais. Ou seja: para atender as reivindicações da classe trabalhadora e do povo, o governo teria que romper as alianças com a burguesia, romper com o FMI e a Alca e estar disposto a governar apoiado na mobilização dos trabalhadores e suas organizações. Enfim, teria que deixar de ser um governo burguês, para converter-se num governo de ruptura com a ordem burguesa e imperialista.

Como os companheiros estão contra derrotar o governo e pretendem disputa-lo, fazem o possível para que as lutas não se choquem com o governo. O problema é que os servidores, para manter suas conquistas, devem derrotar o governo. Não há como lutar contra a Reforma da Previdência sem lutar contra o governo que a aplica.

A luta contra a Alca não pode abstrair o fato de que quem está negociando o tratado é o governo. E por mais que se diga que a imprensa exagerou quando afirmou que Lula disse sim à Alca, o fato é que as negociações depois da visita a Bush foram aceleradas. E o governo está contra chamar o plebiscito oficial. Para que aconteça o plebiscito, temos que derrotar o governo, ou o povo será alijado da decisão que nos converterá em colônia.

O desafio da esquerda é justamente criar as condições para um governo verdadeiramente dos trabalhadores e construir uma alternativa socialista e revolucionária a esse governo. E não fará isso sem dizer a verdade à classe trabalhadora. Se não fizer isso, a única coisa que colherá será a desmoralização.

Qual o caminho para um governo dos trabalhadores?

A discussão sobre o caminho para conseguir uma vida digna para a classe trabalhadora se arrasta dentro dos partidos de esquerda e correntes organizadas do movimento operário desde o nascimento da classe trabalhadora como classe organizada. O questionamento sobre se a prioridade são as eleições e o parlamento ou a luta direta das massas divide a esquerda ao longo dos anos.

O PT construiu como estratégia para realizar as mudanças do país a via das eleições como sua prioridade. O PSTU foi formado por diferentes organizações que, no interior do PT, discordavam desta estratégia.

Depois de administrar várias prefeituras e governos estaduais, o PT tem atualmente a presidência da República. Hoje podemos ver o resultado desta política.

Quando o parlamento e as instituições do regime passaram a ser o centro das preocupações do PT, e não a luta da classe trabalhadora, toda a sua ação passou a girar em torno de como ganhar as eleições a qualquer custo.

Já não interessam as idéias e o programa, e sim as alianças que permitem ganhar as eleições dentro das regras estabelecidas pela burguesia, que controla todas as instituições. Ao aceitar estas regras, o PT vai governar de acordo com elas, sem atacar os interesses e os privilégios dos burgueses. Desta forma, o PT virou mais um partido da ordem.

Ao abandonar a ação direta dos trabalhadores como a via para as transformações sociais, o PT acabou se transformando em um partido que forma parte do “jogo” parlamentar: distribui cargos, loteia ministérios, tenta impedir a CPI do Banestado.

A estratégia eleitoral conduz a que o partido atue nos limites destas regras

e seja um administrador do Estado, de acordo com os interesses da burguesia

As transformações que interessam à classe trabalhadora não podem ser feitas dentro deste regime da democracia burguesa. Todas as poucas conquistas da classe trabalhadora brasileira, e dos trabalhadores em todo o mundo, não vieram pelas mãos do regime, mas foram fruto da ação direta dos trabalhadores, de sua luta, e da consciência que adquirem pela mobilização. Somente um governo dos trabalhadores, sem burgueses, pode de fato resolver nossos problemas. O PSTU participa de eleições, mas como uma das formas de intervenção do partido, nunca como a prioritária.

A ruptura com a democracia burguesa e a luta pelo socialismo

Ao atuar dentro das regras do regime, o PT já não defende o socialismo. Diz que os trabalhadores podem conseguir uma vida digna dentro do capitalismo.

Mas a realidade caminha no sentido oposto das definições programáticas do PT. O capitalismo vive uma crise, no Brasil e no mundo. Esta crise se reflete em todos os terrenos da vida: a fome e miséria da maioria da população mundial, as guerras, a destruição da natureza e do meio ambiente são os reflexos de que este sistema não pode oferecer nada para a humanidade a não ser destruição.

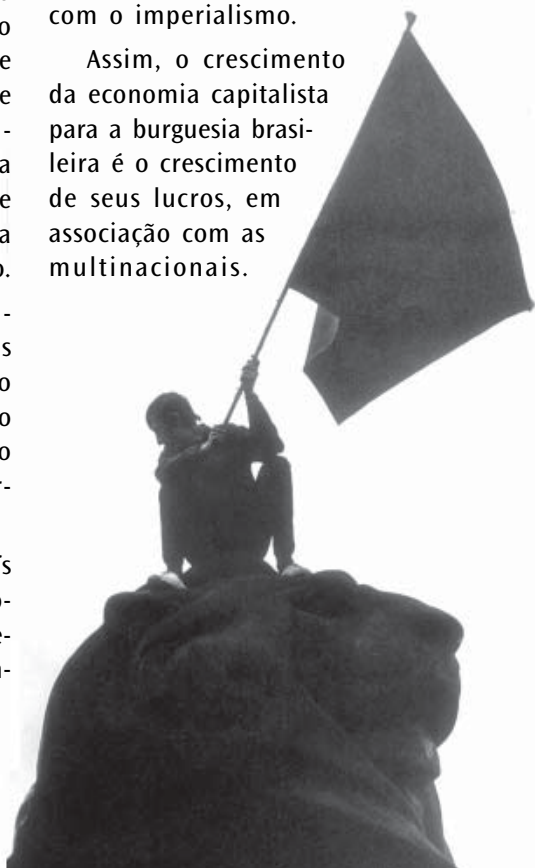
Mesmo quando a economia capitalista cresceu durante a década de 90, os trabalhadores no Brasil e no mundo não melhoraram suas vidas. Ao contrário, no Brasil, o desemprego, a precarização do trabalho e o arrocho nos salários marcaram a vida de nossa classe.

Isto é assim porque o Brasil é um país subordinado às decisões políticas e econômicas tomadas pelos países imperialistas. O fruto do nosso trabalho é enviado a estes países, enquanto a maioria do povo brasileiro vive cada vez pior.

Se a maioria do povo vive pior com a subordinação do país ao

imperialismo, uma minoria de burgueses ganha muito dinheiro. Como fornecedores de produtos para as multinacionais ou como exportadores para os mercados dos países imperialistas. Por isso, não querem nem ouvir falar em ruptura com o imperialismo.

Assim, o crescimento da economia capitalista para a burguesia brasileira é o crescimento de seus lucros, em associação com as multinacionais.



Para que os trabalhadores possam de fato mudar suas vidas, devem lutar por outra forma de organização da sociedade, em que a produção e a distribuição estejam voltadas para o atendimento das necessidades das pessoas e não aos lucros de uns poucos.

A sociedade socialista está baseada na expropriação das multinacionais, dos bancos e dos grandes latifúndios para torná-los propriedade social, coletiva, voltada para atender as necessidades da maioria.

Socialismo é a mais ampla democracia para os trabalhadores e o povo. Rejeitamos totalmente o sistema de partido único e a existência de setores privilegiados. Uma sociedade só será realmente socialista se for infinitamente mais democrática que a democracia para os ricos que vigora nos países capitalistas.

Socialismo significa o respeito à diversidade cultural, racial e de gênero e o respeito pela natureza e pelos recursos que dela extraímos para melhorar nossas vidas.

Morreu o stalinismo. O socialismo vive

Setenta anos de crimes do stalinismo mancharam a imagem do socialismo para as massas do mundo. O socialismo foi identificado com ditaduras burócratas, repressão, partido único, burocratas privilegiados e falta de bens de consumo. Nestas sociedades houve conquistas sociais importantíssimas fruto da revolução socialista, que expropriou a propriedade privada burguesa, acabou com a economia de mercado e instituiu a economia planificada. Isso permitiu o fim do desemprego, da fome, da miséria e da criminalidade, pois além de tudo estes países se tornaram independentes do imperialismo. O surgimento de uma burocracia que reprimia o povo para garantir seus privilégios e opunha-se a uma revolução mundial, defendendo o “socialismo num só país” levou à degeneração destas sociedades e à restauração capitalista. Depois de levar os países a longas crises econômicas, os burocratas chegaram à conclusão, que a melhor forma de garantir seus privilégios seria transformando-os em sua propriedade privada. Ou seja, restaurando o capitalismo e transformando eles mesmos em burgueses.

Revolução ou colônia

Para o governo Lula, o Brasil estaria diante de uma única opção: fazer crescer a economia capitalista aumentando ainda mais sua subordinação ao imperialismo. Sem isso, ficaria isolado.

Para o PSTU, o dilema é outro: revolução ou colônia. Desde o governo Collor, tem se aprofundado nossa subordinação ao imperialismo. O FMI controla nossa economia e define o que será “decidido” no Congresso Nacional e a implantação da Alca nos converterá em uma colônia dos EUA. A grande burguesia brasileira está a favor da Alca e o governo, aliado a ela, continua as negociações para a área de livre comércio.

Desta forma, a luta contra o imperialismo é também uma luta contra os grandes burgueses brasileiros, que, associados ao imperialismo, querem aumentar seus lucros.

Ao não romper com o capitalismo, o PT acaba sendo um veículo da recolonização do Brasil, ou seja, para a subordinação total dos países periféricos para salvar as economias dos EUA, dos países europeus e do Japão.

Diante deste quadro, a revolução socialista e o governo dos trabalhadores são o único meio para deter a recolonização do Brasil.

POR QUE NECESSITAMOS DE UM PARTIDO?

Em todos estes anos em que o PT como o partido majoritário na classe trabalhadora aplicou sua estratégia eleitoral, criou-se uma concepção de que existem dois tipos de militância. Nos sindicatos e entidades do movimento se encaminham as lutas, e o partido é para concorrer nas eleições.

Agora que muitos companheiros sentem que a estratégia eleitoral do PT levou o movimento para a armadilha do regime, muitos se perguntam se é correta ou não a construção de um partido.

Partimos de um profundo acordo com todos os companheiros que acreditam que somente a ação direta de nossa classe em luta pode acabar com a miséria material e cultural que o capitalismo nos impõe.

Mas se as lutas de nossa classe não estão centralizadas de forma a golpear nosso inimigo - a burguesia e o Estado burguês -, as energias de nossa classe se dispersam. Desta forma, quando falamos da necessidade de um partido, falamos de uma organização com uma estratégia oposta à do PT.

O PSTU não diferencia entre seus militantes os que “estão na luta” e os que “estão no partido”. A primeira tarefa de todos os militantes do PSTU é estar na linha de frente das lutas. Mas o partido não pode substituir a classe. O partido revolucionário é um meio, fundamental, mas somente um meio, para que nossa classe chegue ao poder. O partido é fundamental para unir todos aqueles que têm como objetivo a destruição do capitalismo e a tomada do poder pelos trabalhadores. Os sindicatos, as lutas e mais ainda os Conselhos Populares são instâncias fundamentais para unificar a classe na luta e, com as quais, ela deve também exercer o seu poder. Mas sem uma estratégia e um programa claro, os trabalhadores e suas instâncias de luta não conseguirão destruir o Estado burguês e instituir o seu poder. O Partido Revolucionário é decisivo para organizar a luta e golpear de forma centralizada por essa estratégia e programa, já que a a própria classe trabalhadora e mesmo suas instâncias de luta são permanentemente disputadas por ideologias e aparatos burgueses, burocráticos e contra-revolucionários.

A maneira para que todas as nossas lutas golpeiem de forma centralizada nosso inimigo é que tenham uma estratégia comum: a revolução socialista e a instauração de um governo dos trabalhadores. Essa estratégia só pode ser tomada pela maioria dos trabalhadores, na medida em que exista um Partido Revolucionário que as defenda de modo organizado e centralizado. Esta tarefa não pode ser cumprida por nenhum sindicato, central sindical, ou mesmo sovietes sozinhos, ainda que estes sejam fundamentais para a luta cotidiana, para a tomada do poder (já que são tais organizações que devem tomá-lo) e para o exercício do poder da classe. Porém elas jamais tomarão o poder se não adotarem um programa revolucionário, e não adotarão tal programa sem que um partido revolucionário organizado ganhe a maioria para este programa e ação revolucionárias

Por isso construímos o PSTU. Um partido de luta que resgata a experiência de muitos anos de mobilização da nossa classe e coloca-se a serviço da revolução socialista.



O PSTU pode se transformar em um outro PT?

Muitos companheiros, antes de ingressarem no partido, nos fazem a pergunta acima. É uma desconfiança normal e até mesmo sadia. Afinal, não foi somente o PT que foi engolido pelo regime burguês. Nestes anos de luta da classe trabalhadora, partidos com mais experiência que o PSTU sucumbiram às pressões do inimigo.

Mas é um fato também que, apesar de todas as traições, a luta pelo socialismo continuou, pois ela é uma necessidade que está acima dos partidos. É uma necessidade que brota do fato de que o capitalismo já não oferece qualquer perspectiva para a humanidade a não ser a destruição.

O PSTU, como já afirmamos, não é um partido para as eleições. É um partido para a revolução. Na hipótese de que a direção do PSTU ceda à pressão dos inimigos, este partido já não será o PSTU, pois a razão de ser do nosso programa é a luta pela revolução. E para isso realizamos a incansável tarefa de fazer com que os trabalhadores confiem somente nas suas próprias forças, na força de sua luta como classe.

Evidentemente, ninguém está cem por cento vacinado contra a degeneração. Mas é possível tomar uma série de medidas para evitar que a luta pela construção de um Partido Revolucionário se desvirtue. Isso é o que faz o PSTU, ao garantir: a) um programa revolucionário; b) um verdadeiro controle da base sobre a direção e figuras públicas, que, diferente do PT, não podem fazer o que lhes der na cabeça e atuar contra a vontade da base, que decide em Congressos regulares, após um amplo debate democrático, a política do Partido e c) garantir que nenhum dirigente ou militante que eventualmente ocupem cargos seja em sindicatos ou, mais ainda, no parlamento, possam ter qualquer privilégio financeiro ou de outra natureza que os distancie da classe trabalhadora.

Está nas mãos dos ativistas que compreenderam que a estratégia eleitoral conduziu o PT à traição, que engrossem as fileiras de nosso partido e venham defender junto conosco o programa da revolução.

A Liga Internacional dos Trabalhadores

Mas há outro aspecto que diferencia o PSTU da tradição da esquerda brasileira: sua filiação internacional. O PSTU, como Marx, Lenin e outros revolucionários, defende a revolução mundial. A classe operária é internacional e a burguesia também. Por isso, somos frontalmente contrários à herança stalinista de defesa do socialismo num só país, que levou à degeneração e à monstruosidade burocrática e posterior restauração do capitalismo, nos estados antes operários.



Os trabalhadores lutam e lutaram não somente no Brasil, mas em todo o mundo. Nessas lutas, colheram vitórias e derrotas que formam parte da experiência internacional da classe. O internacionalismo proletário guia nossa ação, tanto porque as lutas devem ser interligadas internacionalmente, mas também porque lutamos não apenas por um Brasil socialista, mas também por um mundo socialista.

Por isso, fazemos parte de uma organização que não se restringe aos limites do Brasil, a Liga Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional.

A LIT agrupa partidos e organizações revolucionárias em vários países do mundo, principalmente na América Latina. Esses partidos têm um programa comum, expresso na luta pela revolução socialista internacional. Esta organização internacional é também um importante contrapeso às pressões nacionais de aparatos burocráticos e da própria burguesia que recebem os partidos e particularmente suas direções em cada país, no sentido de afastar-se da estratégia que nos une.

SAIBA MAIS SOBRE COMO SE ORGANIZA E FUNCIONA O PSTU

Breve histórico

O PSTU surgiu da unificação de diferentes organizações, grupos e ativistas independentes. A maioria dos que fundaram o partido vinha de uma ruptura com o PT, por considerar que este partido já iniciara a sua falência como direção dos trabalhadores e da juventude no Brasil e era necessário construir uma alternativa revolucionária.

A fundação do PSTU foi um exemplo de unificação de setores revolucionários. Durante dois anos, discutimos um programa e um estatuto para o novo partido e atuamos conjuntamente na luta de classes. Em junho de 1994, fizemos nosso congresso de unificação e nasceu o PSTU. Em 1996, o PSTU passou a apoiar a LIT – Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional.

O PSTU é um partido revolucionário, que está se construindo e se fortalecendo a cada dia. Ao mesmo tempo, existem revolucionários em outras correntes e mesmo sem partido. Acreditamos, que na luta pela revolução socialista no Brasil mais correntes revolucionárias devem surgir e defendemos que elas se unifiquem. Por isso, ao mesmo tempo em que construímos com afinco o PSTU, batalhamos também pela união dos revolucionários e defendemos agrupar todos num movimento por um novo Partido, que possa resultar num Partido revolucionário superior ao PSTU.

FOTO DIEGO CRUZ



Coluna do PSTU no III
Fórum Social Mundial

Nossos princípios

MOBILIZAÇÃO PERMANENTE DOS TRABALHADORES

As bandeiras e os militantes do PSTU estão presentes na maioria das mobilizações dos trabalhadores e jovens em todo o país. Nós apoiamos e participamos das greves e das ocupações de terras no campo e na cidade. Impulsionamos também as manifestações anti-imperialistas, e lutamos pelo plebiscito oficial sobre a Alca.

Nós do PSTU entendemos que só a luta muda a vida e mobilizar os trabalhadores e a juventude é para nós uma tarefa permanente.

INDEPENDÊNCIA DE CLASSE

A sociedade capitalista está profundamente dividida entre explorados e exploradores. Não é possível conciliar os interesses do proletariado (os trabalhadores) e dos capitalistas: o trabalhador luta para sobreviver, o patrão é um parasita que vive do nosso suor.

A única forma de acabar com a exploração é acabar com o capitalismo, tirando o poder econômico, político, cultural e militar da burguesia e passando-o para as mãos do proletariado. Estas idéias simples e verdadeiras, o classismo e a independência de classe, estão na origem do movimento operário socialista. O PSTU acredita, assim, na definição feita por Marx e Engels: *“A libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores”*.

INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

O imperialismo domina o mundo todo e só será possível enfrentá-lo e derrotá-lo através da palavra-de-ordem do Manifesto Comunista: *“Proletários de todos os países, uni-vos!”*

Este é o significado do internacionalismo proletário: nossa luta deve ser pela revolução em todos os países e pela construção do socialismo como um sistema mundial. É por isso que uma das principais tarefas impulsionadas pelo PSTU é a solidariedade à luta de todos os povos explorados e oprimidos do mundo.

O internacionalismo proletário significa que o PSTU não se propõe a ser apenas um partido nacional, mas sim parte de um partido mundial da revolução socialista. Por isso apoiamos a LIT – Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional na perspectiva da construção de uma organização internacional revolucionária.

DEMOCRACIA OPERÁRIA

Nós somos defensores intransigentes da democracia operária. Quer dizer, do poder de decisão democrático dos trabalhadores sobre todas as questões, seja no interior das suas organizações de luta, como os sindicatos e movimentos; seja no interior do futuro Estado operário socialista.

As burocracias do movimento sindical e estudantil estrangulam a participação e o poder de decisão das bases para garantir os acordos com o governo e os patrões. Contra isto defendemos a realização de assembleias, congressos e a proporcionalidade para a eleição das diretorias das entidades.

Só através da livre participação e decisão das bases operárias, camponesas, populares e estudantis é possível aferir a vontade e capacidade de luta das massas. Só através da democracia operária é possível garantir a unidade de ação e a frente única entre os diversos partidos e correntes que atuam no movimento de massas.

CONTRA A OPRESSÃO DAS MULHERES, NEGROS, HOMOSSEXUAIS E MINORIAS NACIONAIS

O PSTU atua na primeira fila do combate a todas as formas de opressão. A crise do sistema capitalista traz consigo um aumento brutal da violência, principalmente contra mulheres, negros e negras, gays, lésbicas e nacionalidades oprimidas.

Lutamos pela emancipação das mulheres contra a opressão e a exploração: salário igual para trabalho igual, creches nos locais de trabalho, moradia e estudo, lavanderias e restaurantes públicos, denúncia e punição aos agressores e construção de casas-



abrigo para as mulheres que sofrem violência, descriminalização e legalização do aborto, entre outros.

Chamamos o combate sem tréguas ao racismo como parte inseparável da luta contra o capitalismo e denunciemos pretensos democratas e reformistas que alimentam ilusões de uma “integração do povo negro num capitalismo mais humano”.

Nos somamos à luta dos gays, lésbicas, travestis e transexuais pelo direito a serem diferentes e combatemos toda

violência e preconceito contra suas vidas e suas organizações representativas.

Defendemos os direitos e as lutas das minorias nacionais oprimidas pela burguesia e pelo imperialismo. No Brasil, apoiamos as nações indígenas na luta por suas terras e culturas, levada também por outras nações e povos indígenas em toda a América. Estamos juntos a todos os povos do mundo que lutam pela libertação nacional como os palestinos, curdos, irlandeses do norte, chechenos e bósnios.

CENTRALISMO DEMOCRÁTICO

O PSTU funciona com base ao princípio do centralismo democrático. Isto quer dizer: todos os militantes do partido atuam com o mesmo programa e a mesma política, o que é feito após a discussão democrática no interior do partido.

A centralização da ação do partido é necessária porque nos enfrentamos com a burguesia e com o Estado burguês. Não existe maneira de lutar pelo poder sem uma estrutura centralizada. Para garantir esta centralização na ação há no PSTU uma ampla liberdade de discussão interna: toda a política do partido é permanentemente discutida e avaliada pelos militantes nas reuniões do partido.

A democracia interna implica a possibilidade e necessidade de que o partido viva um amplo debate entre posições diferentes. As grandes definições políticas e programáticas do partido são decididas em nossos congressos. Nos períodos prévios aos congressos, existe a possibilidade de que estas diferenças se expressem inclusive na organização de tendências e frações (grupos de militantes que se organizam para a defesa de suas propostas). Mas, uma vez decidida a política em congresso, as tendências e frações se dissolvem, sendo obrigação de todos aplicar a mesma política, definida pela maioria.

Os ativistas independentes e a maioria dos militantes de outros partidos e organizações não conhece ou tem muitas dúvidas sobre o centralismo democrático. O principal responsável por essa confusão é o stalinismo, que assim como implantou a ditadura do Partido Único nos ex-Estados operários, implantou também

dentro dos partidos comunistas o centralismo burocrático, em que a direção decide e a base obedece. Quem discordava da política era expulso, caluniado ou até morto. Como aconteceu nos tempos de Stálin, que, para levar a cabo sua contra-revolução burocrática, destruiu a democracia que existia no Partido Bolchevique nos tempos de Lenin e Trotsky e matou quase toda a direção do mesmo.

Outros companheiros são iludidos pela aparente “democracia” que existe em partidos como o PT. Na verdade, no PT não existe democracia alguma, porque quem decide a política do partido é a cúpula, formada pelos governadores, prefeitos e parlamentares, como nos partidos da burguesia. A base do PT de São Paulo, Recife, Porto Alegre ou Belém não decide o que os prefeitos vão fazer. A base militante estava contra a aliança com o PL, mas a direção e o “congresso” (no qual só é possível ter maioria quem controla aparatos burgueses; filiando em massa e coletando votos sem discussão) impuseram Alencar goela abaixo. A base militante está contra a reforma da Previdência e também está contra as demais reformas do FMI e a Alca, mas a direção do PT e os petistas do governo fazem o que bem entendem. Os militantes de esquerda que se rebelam contra a política da direção são punidos ou ameaçados de expulsão.

O centralismo democrático é o único regime que garante que todos os membros do partido, da direção à base, participem da elaboração da política partidária e depois apliquem juntos a mesma política e ninguém tenha privilégios.

A sustentação financeira do partido

Para funcionar e levar sua política até os trabalhadores, o PSTU precisa de dinheiro. A sustentação financeira é feita pelos próprios trabalhadores, sejam militantes ou colaboradores do partido.

Todos os militantes cotizam mensalmente para o partido, de acordo com o valor do seu salário, com base numa tabela progressiva. Muitos filiados também contribuem regularmente e anualmente fazemos campanhas financeiras nas quais pedimos a colaboração dos ativistas de fora do partido.

Não recebemos e não queremos receber dinheiro da burguesia. É impos-

sível um partido combater politicamente a burguesia e o imperialismo se a sua sobrevivência financeira depende deles.

Este é o caso do PT. Hoje, os principais dirigentes e quadros do PT vivem diretamente de cargos e verbas do Estado burguês, como é o caso dos vereadores, deputados, senadores, prefeitos e governadores com suas legiões de milhares de assessores e auxiliares de confiança.

As campanhas eleitorais milionárias são financiadas pelos grandes monopólios e bancos nacionais e internacionais. Esta é a base material da perda de independência política do PT.

A moral revolucionária

No PSTU, as relações entre os militantes se baseiam na moral revolucionária, quer dizer, numa relação franca, aberta e honesta, onde a mentira, a dissimulação e a agressão física são inaceitáveis. Nossos estatutos prevêm sanções para estas faltas graves e temos uma Comissão de Moral a que os militantes podem recorrer.

Um lugar para a juventude, os negros e as mulheres trabalhadoras

A energia da juventude é decisiva para a vitória da revolução e para a construção do partido revolucionário.

Nas lutas que crescem mundo afora, jovens trabalhadores têm sido a vanguarda: meninos e adolescentes da Intifada Palestina, jovens piqueteiros argentinos, militantes anti-globalização e jovens e combativos sem-terra que ocupam fazendas e lutam contra a Alca e o FMI.

O PSTU é um jovem partido que necessita das novas gerações para se transformar num grande partido dirigente da revolução.

Buscamos nos apoiar também nas camadas mais exploradas e oprimidas do proletariado e, conseqüentemente, entre os negros e as mulheres trabalhadoras, onde vamos encontrar dos mais devotados e firmes revolucionários.

O que é ser militante

O PSTU é um partido de militantes que realizam quatro tarefas básicas: organizar-se em um núcleo, intervir no movimento com a política do partido, vender o jornal *Opinião Socialista* e cotizar mensalmente. Todo militante participa de um núcleo do partido.

No PSTU só o militante tem o direito de voto, tanto para decidir a política nos congressos, como no dia a dia das reuniões de núcleo onde se decide a política para os locais de militância. Só

ele tem também o direito de ser votado como delegado aos congressos ou para dirigir algum organismo partidário.

Quando um companheiro(a) entra para o PSTU, passa por um período de aspirância, ou seja, faz uma experiência com o partido por dois meses, se é trabalhador, ou três meses, se é estudante. Após este período, pode passar a ser militante. O aspirante tem todos os deveres do militante, mas ainda não tem o direito de votar e ser votado.

FILIE-SE AO PSTU

O PSTU tem também muitos filiados. O filiado é um importante colaborador do partido. Ele pode divulgar nosso jornal, participar de palestras em nossas sedes, ajudar em nossas campanhas, etc. O filiado não tem os mesmos deveres do militante e por isso não tem todos os direitos.

O filiado pode contribuir para a sustentação financeira do partido, passando a receber regularmente publicações do PSTU. Preencha a ficha abaixo e seja você também um filiado do PSTU.

Ficha de filiação

NOME _____

ENDEREÇO _____

BAIRRO _____ CIDADE _____ UF _____ CEP _____

TELEFONE(S) () _____ () _____

E-MAIL _____

PROFISSÃO _____ SEXO M F NASCIMENTO ____ / ____ / ____

LOCAL DE TRABALHO / ESTUDO _____

TÍTULO ELEITORAL Nº _____ ZONA _____ SEÇÃO _____

DATA ____ / ____ / ____ ASSINATURA _____

Quero contribuir com o PSTU

NOME _____

ENDEREÇO _____

BAIRRO _____ CIDADE _____ UF _____ CEP _____

TELEFONE(S) () _____ () _____

E-MAIL _____

VALOR DA CONTRIBUIÇÃO MENSAL _____

DIA DA CONTRIBUIÇÃO

2º dia útil 5º dia útil dia 10 dia 15 dia 20 dia 25 último dia útil

FORMA DE PAGAMENTO

DÉBITO AUTOMÁTICO

BB CEF Banespa Nossa Caixa Banrisul BESC

Agência: _____ Conta: _____ Operação (CEF): _____

CARTÃO VISA Número: _____ Validade: ____ / ____ (mês/ano)

BOLETO BANCÁRIO

DATA ____ / ____ / ____ LOCAL _____ ASSINATURA _____

Em caso de desistência, comprometo-me a comunicar ao PSTU por escrito

A militância num Partido Revolucionário é o suporte mais sólido para combater a alienação.

(...)

Neste mundo alienado o partido cumpre um papel desalienante. Quer dizer, se cria uma contradição no militante, porque a sociedade aliena e ele vive na sociedade. O partido lhe dá todas as possibilidades para combater a alienação.

(...)

Em última instância a alienação se reduz a isso: é a ciência da felicidade ou infelicidade do homem provocada por um regime social. Acredito que alguns setores privilegiados, muito pouco numerosos, têm conseguido realizar-se, viverem felizes. Se a primeira condição da desalienação é levar uma vida plena, e que cada um goste do que faça, creio que o partido possibilita isso e também, em alguns casos, a ciência e a arte.

O regime capitalista, monopolista, fecha essa possibilidade. Suponhamos, por exemplo, que uma pessoa se apaixona pelo cinema e quer fazer um filme: é quase impossível. De cada mil ou dois mil candidatos a diretor de cinema, acaba sobrando apenas um.

O sistema capitalista conspira contra o desenvolvimento da qualidade do indivíduo, sejam naturais ou adquiridas.

Ou as empregam quando elas servem ao lucro.

(...)

Vejo o partido revolucionário, com sua democracia interna, seu programa revolucionário de mobilização permanente, como o suporte mais sólido para combater a alienação, ou falando de outra maneira, a forma mais segura de conseguir certo grau de felicidade e de realização pessoal.

(...)


Se um companheiro mostra dotes de orador ou de escritor, o incentivamos a que o seja, que estude e que se desenvolva. A sociedade ensina a mentir, a ocultar o que se pensa, a não enxergar os seus pontos fortes e suas debilidades. O partido é um controle social que permite nos descobrir e nos desenvolvermos.

Se um companheiro demonstra ter grandes condições para determinada tarefa, o impulsionamos a realizá-la. Para nada se obriga a cumprir tarefa que não gostem, a não ser que as aceite voluntariamente.

Tudo isso cria um ambiente de camaradagem na luta.



**NAHUEL MORENO – (1924-1987)
Trotskista argentino, fundador e dirigente
da Liga Internacional dos Trabalhadores**



“Minha fé no futuro comunista da humanidade não é menos ardente.

É ainda mais firme hoje do que nos dias da minha juventude (...)

A vida é bela, que as gerações futuras a limpem de todo o mal, opressão e violência, e possam gozá-la plenamente.”

Leon Trotsky